



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

Joselaine Alcantara

**A HISTÓRIA DE VIDA DE J.: A AQUISIÇÃO DA LÍNGUA DE
SINAIS EM PERÍODO TARDIO**

Santa Maria, RS
2017

Joselaine Alcantara

**A HISTÓRIA DE VIDA DE J.: A AQUISIÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS EM
PERÍODO TARDIO**

Artigo de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Serviço Social, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Licenciada em Educação Especial**.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Melânia de Melo Casarin

Santa Maria, RS
2017

Joselaine Alcantara

**A HISTÓRIA DE VIDA DE J.: A AQUISIÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS EM
PERÍODO TARDIO**

Artigo de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Serviço Social, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Licenciada em Educação Especial**.

Aprovado em 05 de Dezembro de 2017

Melânia de Melo Casarin, Dr.^a (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Prof.^a Paula Maiane da Silva Cavalheiro

Interprete/Prof.^a Jussara Maitê Moraes Esmerio (UFSM)

Santa Maria, RS
2017

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço ao Pai Celestial, autor do meu destino, pela oportunidade de ter percorrido essa longa caminhada com foco e dedicação.

Dedico esta conquista à minha família eterna, Saulo Pereira, meu eterno namorado que, de forma especial e carinhosa, esteve comigo em todos os momentos; Pablo Eduardo, meu primogênito e amigo, que mesmo sem saber iluminou meu caminhar; Andressa Lanay, a minha porcelaninha que, de forma carinhosa, sempre me apoiou e me incentivou na busca pelo conhecimento. O que dizer a você, Duda? Minha Nora mais linda, obrigada pela paciência, pelo incentivo e, principalmente, pelo carinho. Meu agradecimento à minha colega e amiga Carla, companheira de caminhada ao longo do curso de Educação Especial. Eu posso dizer que a minha formação, inclusive pessoal, não teria sido a mesma sem a sua pessoa. As nossas experiências de produções compartilhadas foram a melhor experiência da minha formação acadêmica. Agradeço a professora orientadora Melânia, com quem partilhei o que era uma semente daquilo que veio a ser esse trabalho.

*“... Para mim, a língua de sinais corresponde à
minha voz, meus olhos são meus ouvidos.
Sinceramente, nada me falta. É a sociedade
que me torna excepcional, que me torna
dependente dos ouvintes...”*

(Emanuele Laborit)

RESUMO

A HISTÓRIA DE VIDA DE J.: A AQUISIÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS EM PERÍODO TARDIO

AUTORA: Joselaine Alcantara
ORIENTADORA: Melânia de Melo Casarin

Este artigo de Conclusão de Curso apresenta a história de vida de J., um menino surdo que conheceu a Língua de Sinais somente aos oito anos, e que, até então, não possuía diagnóstico no que tange à surdez. Neste contexto, o objetivo principal desta pesquisa denota a construção da identidade surda através da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), trazendo à tona a problemática em torno do desenvolvimento da aprendizagem de J., em ambiente educacional regular, entretanto, valorizando a subsequência vivenciada por ele em termos de superação, que, por sua vez, conseguiu ascensão em seu desenvolvimento cognitivo, psicológico e social. O procedimento metodológico escolhido para este trabalho foi o Estudo de Caso, o qual supre as necessidades fundamentais para a compreensão da história de vida do protagonista deste trabalho, e como se deram suas vivências e porquê apresentarem-se tão importantes para o seu progresso. A abordagem escolhida foi a qualitativa descritiva, tendo em vista que esta examina fatos, buscando identificá-los e interpretá-los, analisando e descrevendo os dados coletados de maneira fundamentada. Por fim, como instrumento de investigação, foi realizada uma entrevista semiestruturada com duas pessoas que percorreram este caminho com J.: sua mãe adotiva e sua professora da Escola Estadual de Educação Especial Dr. Reinaldo Fernando Cóser. Desta forma, correlacionando a sua trajetória com a importância da Cultura Surda para com a construção de identidade do indivíduo surdo, a fim de contribuir para que esta e tantas outras crianças tenham a oportunidade de interagir/contribuir com a Cultura Ouvinte.

Palavras-chave: Educação Especial. Língua de Sinais. Identidade Surda.

ABSTRACT

THE LIFE HISTORY OF J.: THE ACQUISITION OF THE LONG-TERM SIGN LANGUAGE

AUTHOR: Joselaine Alcantara
ADVISER: Melânia de Melo Casarin

This concluding article presents the life story of J., a deaf boy who knew the Sign Language only at the age of eight, and who, until then, had no diagnosis regarding deafness. In this context, the main objective of this research is the construction of the deaf identity through the Brazilian Language of Signals (LIBRAS), bringing to the surface the problematic around the development of the learning of J., in a regular educational environment, however, valuing the lived subsequence by him in terms of overcoming, which, in turn, managed to rise in his cognitive, psychological and social development. The methodological procedure chosen for this work was the Case Study, which provides the fundamental needs for understanding the life story of the protagonist of this work, and how they gave their experiences and why they are so important for their progress. The approach chosen was qualitative descriptive, considering that it examines facts, seeking to identify and interpret them, analyzing and describing the data collected in a grounded manner. Finally, as a research instrument, a semi-structured interview was conducted with two people who traveled along this path with J.: his adoptive mother and his teacher at the State School of Special Education Dr. Reinaldo Fernando Cóser. In this way, correlating its trajectory with the importance of the Culture Surda to the construction of identity of the deaf individual, in order to contribute so that this and many other children have the opportunity to interact / contribute with the Listening Culture

Keywords: Special Education. Sign language. Identity Deaf.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACC	Artigo de Conclusão de Curso
COSER	Escola Estadual de Educação Especial Dr. Reinaldo Fernando Coser
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FIPE	Fundo de Incentivo à Pesquisa
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
RS	Rio Grande do Sul
SAF	Serviço de Atendimento Fonoaudiológico
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – J. na casa de passagem	41
Figura 2 – J. com a família adotiva.....	42
Figura 3 – J. em interação com os colegas, na Escola	43
Figura 4 – J. com a pesquisadora, na Escola.....	44

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Língua de sinais e identidade – Colaboradora 1	32
Tabela 2 – Língua de sinais e identidade – Colaboradora 2	33

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 OBJETIVO GERAL	11
1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1 A LINGUAGEM E A LÍNGUA COMO INSTRUMENTOS CONSTITUINTES DE CULTURA	13
2.2 LÍNGUA DE SINAIS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SURDA	15
3 METODOLOGIA	18
3.1 SUJEITO DA PESQUISA	19
3.2 CONTEXTO DA ESCOLA DO ALUNO	20
3.3 CONTEXTO DA FAMÍLIA.....	20
3.4 COLABORADORAS PARA A INVESTIGAÇÃO.....	200
4 ANÁLISE DE DADOS	22
4.1 LÍNGUA DE SINAIS	22
4.2 IDENTIDADE SURDA	23
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	267
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIOS	30
APÊNDICE B – TRECHOS EXTRAÍDOS DA ENTREVISTA COM A MÃE DO INDIVÍDUO J.	322
APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DE QUESTIONÁRIO	34
APÊNDICE D – IMAGENS DE J.	41
APÊNDICE E – TERMOS DE AUTORIZAÇÃO	45

1 INTRODUÇÃO

No ano de 2011, ingressei na vida escolar e passei os três próximos anos concluindo o ensino médio. Enquanto cursava o 3º ano, fiz cursinho pré-vestibular e o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), de modo que, em 2014, ingressei na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e, atualmente, estou concluindo o Curso de Educação Especial. Durante a graduação, participei como bolsista em dois projetos, com fomento dos seguintes órgãos: Fundo de Incentivo à Pesquisa-FIPE ARD CE (2015) e Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC (2015-2016). Atualmente, tenho o desejo de me formar na minha graduação, pois Educação Especial foi a profissão que escolhi como meta profissional. Durante a Disciplina de Estágio Supervisionado-Surdez, realizada na Escola Estadual de Educação Especial Dr. Reinaldo Fernando Cóser, com sede na cidade de Santa Maria-RS, pude conhecer um pouco sobre a realidade de cada aluno que compunha a turma com a qual desenvolvi a regência.

Conhecer as diferentes interfaces com as quais a família de uma criança surda enfrenta, instigou-me a desenvolver uma pesquisa no Artigo de Conclusão de Curso (ACC). Os grandes desafios enfrentados por um dos alunos da turma, ao iniciar sua vida familiar e escolar sem o conhecimento da língua de sinais e privado da convivência com a comunidade surda, constituíram-se, para mim, como elementos possíveis de pesquisa.

Motivada por estudar esta realidade no contexto acadêmico, busquei, portanto, construir um problema de pesquisa que me conduzisse na caminhada investigativa e que compusesse o tema da investigação: A história de vida de J enfocando a aquisição da língua de sinais em período tardio.

Os objetivos de pesquisa podem ser assim delimitados:

1.1 OBJETIVO GERAL

Conhecer a história de vida do sujeito J.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Apontar a contribuição da apropriação da cultura surda pelo sujeito J., para a construção da sua identidade surda, na efetiva interação com a comunidade surda escolar.

Perceber a contribuição da apropriação da cultura surda pelo sujeito J., para a aquisição da Língua de Sinais, na efetiva interação com a comunidade surda escolar.

Descrever as experiências escolares vividas atualmente pelo sujeito, em franco processo de vivência cultural surda na escola.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A LINGUAGEM E A LÍNGUA COMO INSTRUMENTOS CONSTITUINTES DE CULTURA

Em se tratando da cultura surda há uma necessidade de democratização da linguagem e da língua como elementos de instauração do poder, para que estes instrumentos, ao longo da história da humanidade, pudessem se instituir. Trata-se, aqui, de uma questão de direito: “O direito que as crianças, que usam uma língua diferente da língua majoritária, tem de serem educadas em sua língua” (SKLIAR, 1999, p.10). Considerando que a linguagem é inerente à vida humana, sobretudo, no que se refere à comunicação, uma linguagem bem desenvolvida, em qualquer ambiente, significa poder, logo, ela se apresenta como “[...] um fenômeno heterogêneo e dinâmico”, sendo que “é importante a compreensão de que a linguagem é a alteridade e, portanto, não existe a homogeneidade, como não existe em nenhum aspecto da realidade humana [...]” (WOODWARD, 2000, p. 18

A linguagem, como um conjunto mais amplo de habilidades comunicativas, apresenta-se como um fragmento inerente e constituinte da cultura de um povo, podendo caracterizar-se de forma hierárquica sobre outros povos, de acordo com a sua fluência.

Etimologicamente, a palavra cultura vem do latim e tem como significado promover a continuidade, sobreviver ao ambiente, cultivar o que se tem, através de laços com seus semelhantes. Ao momento que existem semelhantes, existem os diferentes, logo, cada cultura restringe-se a pequenos grupos, ligados por laços, sejam eles sanguíneos ou fraternos e, até mesmo, pela semelhança.

Partindo do pressuposto que cultura é a herança que o grupo social transmite a seus membros através de aprendizagem e de convivência, percebe-se que cada geração o sujeito também contribuem para ampliá-la e modificá-la (STROBEL, 2008, p. 17).

Então, no que se refere às propriedades culturais relacionadas ao meio social, Perlin (2004) discorre sobre esta perspectiva:

Os diferentes conceitos de cultura estão aí para se compreenderem as diferentes posições de cultura. Há conceitos unitários de cultura; conceitos de alta cultura e baixa cultura; conceitos referentes às múltiplas culturas. Há

algumas posições mais radicais diante das culturas, por exemplo, de grupos que compartilham da afirmação de uma cultura universal, onde legitimam a dominação das outras culturas (PERLIN, 2004, p. 74).

Considerando a cultura como propriedade de um grupo, ou vários, é plausível analisar a cultura como sendo inerente ao convívio e manifestações sociais, contemplando, assim, uma pluralidade histórica, social e política, sendo que, dentre elas, uma das propriedades culturais é a língua e linguagem, neste aspecto, Strobel (2008) fala um pouco da cultura surda:

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo, a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo (STROBEL, 2008, p. 24).

Há um aparato de fragmentos constituintes da cultura surda, designados como artefatos, segundo Strobel (2008, p. 37), “[...] o conceito ‘artefatos’ não se refere apenas a materialismos culturais, mas àquilo que na cultura constitui produções do sujeito que tem seu próprio modo de ser, ver, entender e transformar o mundo”.

Neste contexto, é primordial discorrer sobre duas ferramentas fundamentais constituintes da cultura surda, os Artefatos Culturais Visuais e os Artefatos Culturais Linguísticos, sendo que ambos são inerentes à cultura surda.

No que diz respeito a Experiência Visual:

Os sujeitos surdos, com a sua ausência de audição e do som, percebem o mundo através de seus olhos, tudo o que ocorre ao redor dele: desde os latidos de um cachorro – que é demonstrado por meio dos movimentos de sua boca e da expressão corpóreo-facial bruta - até uma bomba estourando, que é óbvia aos olhos de um sujeito surdo, pelas alterações ocorridas no ambiente, como os objetos que caem abruptamente e a fumaça que surge (STROBEL, 2008, p. 39).

O indivíduo surdo constrói sua cultura a partir do que lhe falta, ou seja, a partir da ausência da audição e do som, logo, encontrando possíveis representações visuais para entender e comunicar-se com o mundo dos ouvintes, o que acaba por ser um mecanismo extremamente importante, no momento em que o surdo desenvolve suas capacidades visuais de maneira eficiente, podendo, assim, não só compreender o

mundo a sua volta, mas também deixar sua marca nele, de forma significativa principalmente, por meio da Língua de Sinais.

2.2 LÍNGUA DE SINAIS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SURDA

Por muito tempo, a comunicação entre surdos não era vista como um sistema linguístico legítimo, embora, atualmente, exista a Lei Federal nº 10.436, de 24 de abril de 2002, referente à Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Além de reconhecê-la como segunda Língua oficial do Brasil, em Parágrafo Único, essa Lei preconiza:

Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS - a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002, Art. 00).

É verdadeiro o entendimento de que a Libras é propriedade fundamental e inerente ao povo surdo, no que tange à comunicação, bem como ao desenvolvimento social, cognitivo, intelectual e político. No momento que é introduzida a questão da cultura, é possível identificar a sua necessidade fundamental como propriedade da mesma, sobretudo, na cultura surda, onde a comunicação torna-se inerente ao sujeito, propiciando, assim, uma língua plausível entre surdos e ouvintes: a língua de sinais.

Na perspectiva contributiva da língua de sinais para o processo de ensino aprendizagem, Quadros (2011) afirma que

A língua de sinais – LIBRAS passa a ser, então, o instrumento que traduz todas as relações e intenções do processo que se concretiza através das interações sociais. Os discursos de uma determinada língua serão organizados e, também, determinados pela língua utilizada como a língua de instrução. Ao expressar um pensamento em língua de sinais, o discurso utiliza uma dimensão visual que não é captada por uma língua oral-auditiva (QUADROS, 2011, p. 35).

A Língua de Sinais transcende a comunicação do povo surdo, ela torna-se conetivo fundamental para o reconhecimento da sua imagem e construção da identidade surda, de acordo com Strobel, “[...] isso significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo [...]”. Logo, possibilitando e permeando suas relações sociais, culturais, científicas e políticas. “As identidades surdas são construídas dentro das representações possíveis da cultura surda, elas

moldam-se de acordo com maior ou menor representatividade cultural assumida pelo sujeito” (PERLIN, 2004, p. 77).

Neste aspecto, é perceptível a importância de um espaço que abranja esses indivíduos, valorizando suas habilidades e capacidades, para que, assim, os sujeitos surdos possam construir suas identidades.

De acordo com Skliar (1999), em âmbito educacional regular, o sistema social, muitas vezes, acaba por considerar o indivíduo surdo como incapaz de abstrair informações, ou aprender no âmbito que está inserido,

[...] ao invés de entender o surdo como uma exclusão e um isolamento no silêncio, entender como uma experiência e uma representação visual; ao invés de representá-la através de formatos médicos e terapêuticos, quebrar esta tradição por meio de concepções sociais, linguísticas e antropológicas; em vez de submeter os surdos a uma etiqueta de deficientes, compreendê-los como formando parte de uma minoria linguística (SKLIAR, 1999, s.p.).

Partindo do pressuposto de “normalidade”, Strobel (2008, p. 81) questiona: “O que significa mundo normal?” e completa “Talvez a mais ‘sofrida’ de todas as representações no decorrer da história dos surdos é o de ‘modelar’ os sujeitos surdos a partir das representações hegemônicas”.

Quando a autora questiona a normalidade existente no mundo, **ele** está sugerindo que ela simplesmente não existe. Em qualquer ambiente, há diferenças, dificuldades, adversidades, etc., mas também existirá a necessidade de convivência pacífica entre todos os indivíduos. Dentro deste contexto, o surdo, também merece a possibilidade de poder comunicar-se com os demais e contribuir para este ambiente.

No momento em que os autores citados neste trabalho citam palavras como: “hábitos”, “exclusão”, “minorias”, é visivelmente identificado que a sociedade faz parte, em sua maioria, de um grupo supostamente homogêneo. Essa sociedade traduz, através de sua cultura, hábitos representativos a favor dessa homogeneidade. A língua e a linguagem, por sua vez, aparecem como um “agente dominante”, ao qual nem todos têm acesso e / ou conseguem dominá-la. Isso acontece não apenas no que diz respeito à norma culta, mas também pode excluir aqueles que não conseguem dominá-la, no caso, os surdos.

As formas de organizar o pensamento e a linguagem transcendem as formas ouvintes. Elas são de outra ordem, uma ordem com base visual e, por isso, têm características que podem ser ininteligíveis aos ouvintes. Essa cultura se

manifesta mediante a coletividade que se constitui a partir dos próprios surdos (QUADROS, 2011, p. 34).

É de extrema relevância ressaltar a importância das manifestações da comunidade surda, já que são elas que constituem a identidade do indivíduo surdo. Este indivíduo precisa compreender que, mesmo fazendo parte de uma minoria, tem espaço, e pode interagir e contribuir artisticamente, politicamente e intelectualmente com o mundo a sua volta.

3 METODOLOGIA

Este ACC abrange a apropriação da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a contribuição na construção da identidade e da cultura surda de um sujeito que, hoje, é pré-adolescente surdo, em seu contexto escolar. Usando como instrumento metodológico o estudo de caso, fundamentado na história de vida deste jovem que chamarei de “J” para preservar sua identidade.

Tartuce (2006) aponta que a metodologia científica trata de método e ciência. Método (do grego *methodos*; *methodos* significa, literalmente, “caminho para chegar a um fim”), logo, neste trabalho, será usado como procedimento metodológico de pesquisa o estudo de caso, com uma abordagem qualitativa descritiva. Considerando que o estudo de caso é um,

[...] método que implica a recolha de dados sobre um caso ou casos, e a preparação de um relatório ou apresentação do mesmo” (STENHOUSE, 1990, apud GOMEZ; FLORES; JIMENEZ, 1996: 92) “é a estratégia de investigação mais adequada quando queremos saber o “como” e o “porquê” de acontecimentos actuais (contemporary) sobre os quais o investigador tem pouco ou nenhum controlo” (YIN, 1994,p. 9).

Neste caso, trata-se de um menino que descobriu a língua de sinais aos oito anos, quando foi adotado, e que, por isso, traz consigo experiências e vivências únicas, ele faz parte de um contexto que necessita ser correlacionado de forma analítica. Logo, a abordagem qualitativa, interligada com o estudo de caso apresenta-se como o instrumento metodológico ideal, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos, que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A abordagem qualitativa apresenta como pressuposto fundamental a análise empírica natural de determinado assunto, correlacionando-a com a bibliografia estudada, descrevendo a coleta de dados, isto é, neste caso, extremamente relevante para esta pesquisa, considerando as possibilidades contextuais, de acordo com a trajetória do indivíduo J..

Na abordagem qualitativa, o pesquisador substitui as correlações estatísticas pelas descrições e as conexões causais objetivadas pelas interpretações (MARTINS; BICUDO, 1989).

Com objetivo de investigar as características individuais deste sujeito, o instrumento de investigação para a coleta de dados será uma entrevista semiestruturada, junto à família e à professora. Este instrumento baseará as próximas etapas da pesquisa. Para Manzini (1990/1991), a entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. O foco principal deve ser colocado pelo investigador-entrevistador. Triviños (1987, p. 152) afirma que a entrevista semiestruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]”, além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador, no processo de coleta de informações.

É determinante ressaltar que, a entrevista semiestruturada será usada, principalmente, porque as questões formuladas podem trazer à tona outras questões relevantes para o desenvolvimento deste projeto, sendo assim, com objetivo fundamental de introduzir a perspectiva contextual de vida do sujeito J., podendo manifestar diversos aspectos significativos causais e estruturais sobre a surdez.

3.1 SUJEITO DA PESQUISA

O sujeito J. tem 14 anos e estuda na Escola Estadual de Educação Especial Dr. Reinaldo Fernando Cóser.

Nasceu no dia 05 de outubro de 2003, na cidade de Júlio de Castilhos. Filho de pais biológicos Jocenaldo e Cleonir, o menino nasceu com baixo peso de 1.930 kg e, ao nascer, fez uma cirurgia de desobstrução de traqueia. Começou a caminhar aos dois anos. Fez o ensino primário em uma escola regular, em Júlio de Castilhos, chamada Escola de Ensino Fundamental Mãe Rainha.

Em 2008, após várias denúncias ao conselho tutelar, que indicavam maus-tratos e negligência por parte da genitora e, como o pai não se fazia presente, o conselho decidiu, para o benefício da criança, que ela fosse abrigada em uma casa de passagem, na cidade de Júlio de Castilhos. Este foi o lugar em que Carmem, a mãe adotiva de J., o conheceu.

Em 2011 foi sugerido a escola Coser para a interação social do sujeito em uma comunidade surda. As expectativas dos pais do aluno para com a escola, é que a

mesma favoreça a construção do conhecimento de mundo do menino e da sua identidade surda segundo a Colaboradora 1.

3.2 CONTEXTO DA ESCOLA DO ALUNO

A Escola Estadual de Educação Especial Dr. Reinaldo Fernando Cóser, com sede na cidade de Santa Maria – RS, tem como enfoque uma abordagem socioantropológica, que busca produzir práticas fundamentadas em um profundo respeito e afirmação das diferenças, por isso, propõe uma metodologia bilíngue para a educação dos sujeitos surdos, priorizando a Língua de Sinais como primeira língua e, como segunda a Língua Portuguesa (apenas na modalidade escrita).

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola:

Os sujeitos surdos precisam frequentar escolas bilíngues para surdos, desde a mais tenra idade, pois o desenvolvimento cognitivo, afetivo, sociocultural e acadêmico dos sujeitos surdos não dependem necessariamente da audição, mas sim do desenvolvimento espontâneo da sua língua. A língua de sinais propicia o desenvolvimento linguístico e cognitivo dos sujeitos surdos, facilitando o processo de aprendizagem de outra língua, no caso o português como segunda língua, principalmente em sua modalidade escrita (COSER, 2011, p. 3).

Logo, a escola se apresenta como um espaço coletivo que visa à construção de ações interativas do sujeito surdo, buscando oportunizar o acesso à cultura, ao conhecimento historicamente construído e ao respeito às diferenças humanas. Trata-se de um espaço vivo e democrático que privilegia o acesso ao ensino de qualidade favorecendo à permanência do aluno.

3.3 CONTEXTO DA FAMÍLIA

A mãe adotiva de J. se chama Carmem Lúcia Cavalheiro Mello, tem 46 anos e é servidora pública. Seu companheiro e pai adotivo de J. se chama Guilherme, tem 36 anos e é mecânico. J. tem três irmãos adotivos. Toda família adotiva é ouvinte.

3.4 COLABORADORAS PARA A INVESTIGAÇÃO

Diante das realidades observadas acerca da construção linguística e cultural do sujeito J., percebeu-se a importância de aplicar a entrevista junto a 2 sujeitos

colaboradores à análise investigativa. Portanto, teremos os sujeitos nominados de Colaboradora 1 (a mãe de J.), e a Colaboradora 2 (a professora de J.).

4 ANÁLISE DE DADOS

A partir dos estudos feitos, das bibliografias consultadas, das orientações vivenciadas e, efetivamente, da experiência da entrevista desenvolvida junto com as duas colaboradoras desta pesquisa, ou seja, a professora e a mãe do sujeito J..

É de extrema relevância estabelecer uma apresentação pontual acerca da língua de sinais e da identidade do sujeito surdo. Pode-se, portanto, concluir que língua de sinais e a identidade são as categorias de análise deste trabalho científico.

4.1 LÍNGUA DE SINAIS

A língua de sinais é transmitida nas comunidades surdas e, apesar de por muito tempo na história dos surdos ter sofrido a repressão exercida pelo oralismo, a língua de sinais não foi extinta e continuou a ser transmitida, de geração em geração, pelo povo surdo com muita força e garra (STROBEL, 2008, p. 45).

Considerando a Língua de Sinais como instrumento fundamental para a comunicação do povo surdo, está intrínseca a questão da sua importância para a cultura surda. Referindo-se à Escola de Ensino Fundamental Mãe Rainha, a mãe adotiva do sujeito protagonista informa: *[...] ele não aprendeu nada por causa da língua né, porque era uma escola regular, e aí eu não quis botar ele no Coser, no primeiro ano que ele estava conosco [...]* (COLABORADORA 1).

Entretanto, na fala de Strobel (2008), é importantíssima a questão de que o processo de inclusão começa em casa, com a família, com as pessoas de confiança do sujeito surdo, conforme pode ser visto em:

Está havendo uma política em rumo apelidada de “inclusão”, a sociedade começa a perceber a existência de povo surdo e procura se organizar para recebê-los de forma adequada e os próprios sujeitos surdos começam a exigir seus espaços, sua representação de diferença cultural linguística. A inclusão não ocorre somente nas escolas, pode ocorrer também nos restaurantes, nos shoppings, nos trabalhos, nos órgãos públicos, nas lojas, nas igrejas e em outros ambientes de interação humana (STROBEL, 2008, p. 96).

Isso vai ao encontro com o que a Colaboradora 1 relata, isto é, que lhe foi sugerido que aprendesse o máximo de LIBRAS, que “aprendesse [Libras] pra falar com ele, pra explicar as coisas pra ele, e aí foi o que eu fiz [...]”. No que diz respeito a

isso, Casarin (2014, p. 240) colabora ao mencionar que “[...] A família é parte fundamental, pois torna-se necessária a aprendizagem da Língua de Sinais pelos irmãos, pais e demais familiares, para que, também, em casa a Libras possa ser utilizada por todos [...]”,

É de extrema relevância a reflexão acerca da construção da identidade surda, que só é possível através do uso da Libras, sendo que ela começa a ser construída em casa, para então, haver o procedimento inclusivo social e educacional, que se dá por contínuo em ambiente escolar, e que se apresenta deficitário, na maioria das vezes. Perspectiva que vai ao encontro do que contou a professora da atual escola que J. estuda: *[...]essa percepção de que as pessoas só compreendem por meio da língua de sinais, ela vai acontecer, mas de forma paulatina, gradativa, não adianta eu dizer, nem posso também ficar dizendo isso o tempo todo, ele tem que também se dar conta que ele convive numa comunidade surda, de que as pessoas usam língua de sinais, e que ele não ouve [...]* (COLABORADORA 2).

A professora e a mãe do J. concordam com a suscetível evolução dele após a sua inserção na Escola de Educação Especial Dr. Fernando Reinaldo Coser. A este respeito, a Colaboradora 1 menciona: *Só no Coser ele vai se achar, vai ter o conhecimento que ele precisa para crescer, pra viver em sociedade, no futuro, sozinho, ter uma visão de mundo, ter conhecimento, e é só através de linguagem [língua] de sinal, se não for assim é impossível* (COLABORADORA 1).

A esse respeito, a colaboradora 2 afirma: *Acredito que sim, que ele ampliou mais o vocabulário na língua de sinais, ele faz melhor relatos, a gente faz atividades práticas, por exemplo, de relatar o final de semana, relatar um passeio, relatar uma atividade desenvolvida, e me parece que ele tem feito isso melhor; pensamento mais organizado, para coisas práticas* (COLABORADORA 2).

4.2 IDENTIDADE SURDA

Depois da descoberta da Língua de Sinais na Escola Dr. Reinaldo Fernando Coser, percebe-se que J. está construindo sua identidade, através de suas vivências e do conhecimento de um novo mundo, isto é, o mundo dos surdos.

Gradativamente, ele está tendo a percepção de que Língua de Sinais é a sua primeira língua, ou seja, sua língua espontânea, e que o português se refere a sua segunda língua.

De acordo com a colaboradora 1, ele já consegue relatar experiências vividas na escola, algo que demonstra a inserção de J. no universo surdo. A colaboradora 2 esclarece bem essa questão, quando nos diz o que acontece com as práticas vividas pelo sujeito no âmbito escolar: *Acredito que sim, que ele ampliou mais o vocabulário na língua de sinais, eles faz melhor relatos, a gente faz atividades práticas, por exemplo de relatar o final de semana, relatar um passeio, relatar uma atividade desenvolvida, e me parece que ele tem feito isso melhor. Quando a criança consegue expor assim esse pensamento com começo, meio e fim, a gente entende como professor, que ele está com o pensamento mais organizado, e quando ele tem o pensamento mais organizado, para coisas práticas, isso fica mais evidenciado nos conteúdos escolares (COLABORADORA 2).*

Mesmo que o processo de transmissão cultural do sujeito da pesquisa tenha ocorrido em uma idade mais avançada, o contato com professores, colegas e funcionários surdos reforça o desenvolvimento da identidade cultural de J.. A interação com adultos surdos é muito importante, pois traz à tona questões fundamentais para perspectivas possíveis de desenvolvimento eficaz na aprendizagem. A Colaboradora 1 contribui com esta ideia: *E a questão de construção de aprendizagem, o Coser vai possibilitar, porque é o universo surdo, lá dentro eles interagem com os outros surdos, com os monitores, com os professores, que estão passando essa noção assim, de conhecimento de mundo pra eles, dos perigos que têm no mundo (COLABORADORA 1).*

Segundo Strobel (2008),

[...] a formação de identidades surdas é construída a partir de comportamentos transmitidos pelo “povo surdo”, que ocorre espontaneamente quando os sujeitos surdos se encontram com outros membros surdos nas comunidades surdas (STROBEL, 2008, p. 33).

Considerando as condições do sujeito surdo, é admissível reconhecer a importância da comunidade surda para a construção da identidade surda, isto é, admitir o papel da interação neste processo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao decorrer deste Estudo de Caso, foi possível compreender os fatores constituintes para a construção da identidade do sujeito J., através da aquisição da Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Considerando o fato de que por muito tempo este menino foi visto como uma criança com alguma deficiência intelectual, ao menos enquanto estava inserido em uma escola regular, além de que não existia a prática efetiva de inclusão nesta escola, muito menos intérprete ou qualquer indivíduo que praticasse a Língua Brasileira de Sinais. Claramente, seu desenvolvimento se deu após o contato com a Libras. Em um primeiro momento isso aconteceu em casa, quando seus pais e irmãos adotivos aprenderam a se comunicar usando Libras, no intuito de incentivar e desenvolver sua identidade surda, e, posteriormente, na escola, através do contato com colegas e professores surdos. Acredita-se que este foi um fator crucial para a construção de sua identidade, para o seu desenvolvimento, especialmente para a sua ascensão social, intelectual e psicológica.

A partir da análise realizada neste trabalho, é possível perceber que a Língua de sinais é o instrumento fundamental para a comunicação com o sujeito pesquisado e que ele foi capaz de adquirir tal língua, por estar em contato com outros sujeitos que são usuários dela.

Conforme já mencionado neste estudo, os indivíduos necessitam de interação social, cultural e educacional. Por isso a constatação do quão importante é o contato do sujeito J. com a comunidade surda, para que, assim, receba a oportunidade de crescimento cultural, intelectual e linguístico e possa dar continuidade para a construção da sua identidade.

A história de J. é mais uma em meio a tantas outras de crianças surdas que sofrem em escolas regulares, por falta de profissionais especializados em Língua de Sinais e em metodologia de educação específicas para surdos, com o diferencial que, neste caso, seu contato com Libras se deu tardiamente.

Não são os discentes surdos que devem se encaixar ao sistema deficitário de educação regular, mas os ouvintes que devem ser introduzidos e se introduzirem na cultura surda, através da Educação Bilíngue. No momento em que a comunicação de ambos for estabelecida, sem qualquer espécie de hierarquia, ou qualquer forma de

discriminação, haverá uma superação e ascensão no desenvolvimento do sujeito surdo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Reconhece a Língua Brasileira de Sinais, Libras.

CASARIN, MELÂNIA MELO. Ações para Incluir e Práticas Pedagógicas na Educação de Surdos. In: SILUK, CLÁUDIA PAVÃO. **Atendimento Educacional Especializado: Contribuições Para a Prática Pedagógica**. Santa Maria: UFSM, CE, Laboratório de Pesquisa e Documentação, 2014, p. 240.

CÓSER. **Projeto Político Pedagógico**. Escola Estadual de Educação Especial dr. Reinaldo Fernando Cóser. Santa Maria, 2011. p. 3.

GOMEZ, G. R.; Flores, J.; Jimenèz, E. **Metodologia de la investigacion cualitativa**. Málaga: Ediciones Aljibe, 1996.

LABORIT, Emmanuelle. **O voo da gaivota**. Best Seller, 1994.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. **Didática**. São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. **A pesquisa qualitativa em Psicologia**: fundamentos e recursos básicos. São Paulo. EDUC; Moraes, 1989.

MINAYO, M. C. S.; MINAYO-GOMÉZ, C. Dífíceis e possíveis relações entre métodos quantitativos e qualitativos nos estudos de problemas de saúde. In: GOLDENBERG, P.; MARSIGLIA, R. M. G.; GOMES, M. H. A. (Orgs.). **O clássico e o novo**: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003. p.117-42.

PERLIN, G.T.T. Identidades surdas. In: SKLIAR, C.(Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 51-72.

PERLIN, Gladis; WILSON, Miranda. Surdos: o Narrar e a Política In Estudos Surdos. **Ponto de Vista**: Revista de Educação e Processos Inclusivos, Florianópolis, UFSC/ NUP/CED, n. 5, 2003.

PERLIN, Gladis. O Lugar da Cultura Surda. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini (Orgs.). **A Invenção da Surdez**: Cultura, Alteridade, Identidade e Diferença no campo da educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. p. 74.

QUADROS, R. M.; CRUZ, C. R. **Língua de sinais: instrumentos de avaliação**. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 34-35.

QUADROS, Ronice Muller; SCHMIEDT, Magali L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC; SEESP, 2006.

SKLIAR, Carlos. A invenção e a exclusão da alteridade "deficiente" a partir dos significados da normalidade. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 24, n. 2, , jul./dez. 1999. p. 10-32

STROBEL, K. L.; FERNANDES, S. **Aspectos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais**. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Educação Especial. Curitiba: SEED/SUED/DEE. 1998.

STROBEL, K.L; **As Imagens do outro sobre a Cultura Surda**. Florianópolis: UFSC, 2008. p. 22-39

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 2. ed. rev. Florianópolis: UFSC, 2009. p. 27

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TARTUCE, T. J. A. **Métodos de pesquisa**. Fortaleza: UNICE – Ensino Superior, 2006. Apostila.

WOODWARD, Kathyn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual, In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 18.

YIN, R. **Case study research**: Design and methods. 2. ed. Thousand Oaks: Sage publications, 1994.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIOS

Questionário usado na entrevista com a Colaboradora 1:

1. Como você despertou o interesse por adotar J.?
2. Quando você percebeu a surdez do seu filho?
3. Como você lidou com a surdez de J.?
4. De que forma você manifestou esta descoberta a ele?
5. Houve alguma tentativa de oralização?
6. De que forma você se comunicava com ele antes dele e de você aprender LIBRAS?
7. Como ele interagia com adultos e crianças?
8. Por que você optou por colocar seu filho J. na Escola Estadual de Educação Especial Dr. Reinaldo Fernando Coser?
9. Como vocês se comunicam, atualmente, no ambiente familiar?
10. Atualmente, você pensa que poderia ter feito algo de diferente, que poderia ter ajudado ele de outra forma?
11. Como ocorreu a aquisição da Língua de Sinais para J.?
12. Você compreende que J. está construindo sua identidade surda e representa a si mesmo a partir das suas experiências?
13. O que você entende por uma proposta de Educação Bilíngue?
14. Qual é a sua expectativa para a construção de conhecimento de mundo e educacional de J., através do convívio cultural com outros surdos, na Escola Estadual de Educação Especial Dr. Reinaldo Fernando Coser?

Questionário usado na entrevista com a Colaboradora 2:

1. Como era o emocional do aluno J. quando começou a estudar na Escola Estadual de Educação Especial Dr. Reinaldo Fernando Coser?
2. Inicialmente, como se deu a interação de J. com colegas e professores?
3. E quanto à compreensão do conteúdo escolar?
4. Atualmente, você percebe alguma diferença na área emocional e autoestima de J.?
5. Depois da aquisição da LIBRAS, há uma maior significação da aprendizagem?

6. Relate experiências que você percebe em J. acerca da manifestação da cultura surda.

APÊNDICE B – TRECHOS EXTRAÍDOS DA ENTREVISTA COM A MÃE DO INDIVÍDUO J. (COLABORADORA 1).

Tabela 1 – Língua de sinais e identidade – Colaboradora 1

1-Língua de Sinais	2- Identidade
<p><i>...ele não aprendeu nada por causa da língua né, porque era uma escola regular, e aí eu não quis botar ele no Coser, no primeiro ano que ele estava conosco,</i></p> <p><i>. O segundo ano até o primeiro semestre foi mais difícil, porque quando nós chegamos no Coser, ele não aceitava, e no primeiro ano nós começamos as aulas de LIBRAS no Coser, nós vínhamos de Júlio, toda a quarta-feira para ter aula de LIBRAS de noite, mas pensa que ele fazia,</i></p> <p><i>e que nós aprendesse o máximo de LIBRAS, que nós aprendesse pra falar com ele, pra explicar as coisas pra ele, e aí foi o que eu fiz, e olha, e haja paciência,</i></p> <p><i>Não. Até, assim, eu tentava fazer teste assim com ele, de tentar tirar o aparelho, e falar, ou botar o aparelho e tentava falar com ele, tentava fazer ele falar palavras, botava a mão dele aqui na minha garganta, e nada, aí eu vi que só através da LIBRAS.</i></p> <p><i>e só no Coser ele vai se achar, vai ter o conhecimento que ele precisa para crescer, pra viver em sociedade, no futuro, sozinho, ter uma visão de mundo, ter conhecimento, e é só através de linguagem [língua] de sinal, se não for assim é impossível.</i></p> <p><i>Através das LIBRAS. Através da linguagem de sinal. Apesar do pai dele não saber, eu, a K. (filha) que falamos com ele. Ele vai pra oficina com o pai dele, de tarde, e o G.(marido), passa tudo errado o sinal, ele sabe quase nada né (risos), mas ele entende, ele trabalha parêlho com o pai dele. A comunicação basicamente é através das LIBRAS.</i></p>	<p><i>em 2009, 2010, ele recebeu aparelho.</i></p> <p><i>porque nem ele se via como surdo, e nem nós sabíamos como nós íamos fazer,</i></p> <p><i>ele só fazia se o meu marido fazia, e como o G. (marido) era disléxico, ele fazia tudo errado, aí eu desisti, disse não, vou deixar para o ano que vem, se não ele vai aprender o sinal tudo errado, ah, mas ele não se aceitava como surdo, ele não se via como surdo.</i></p> <p><i>e percebe que umas palavras ele fala, que tem mais vogais e menos consoantes, e eu acho que por isso, porque ele emitia som, ele batia boca contigo assim, aí então de certo ele achava que ele não era, que todo mundo entendia o que ele falava</i></p> <p><i>ele gritava muito, os pais chamavam ele de louco, esse guri é louco, sabe, passa gritando, porque era a única expressão que ele tinha né e largar ele numa escola regular, sem uma professora saber pelo menos LIRAS pra poder passar pra ele, é impossível,</i></p> <p><i>Sim. Ele, hoje em dia, se identifica completamente né, ele não chegava em casa e contava as coisas, ultimamente ele tem feito isso cada vez mais, relatado fatos que acontecem na escola. Ele chega em casa e conta o que fizeram, o que que aconteceu, de eventos, sabe, ele está completamente inserido no mundo, no universo surdo.</i></p> <p><i>E a questão de construção de aprendizagem, o Coser vai possibilitar, porque é o universo surdo, lá dentro, eles interagem com os outros surdos, com os monitores, com os professores, que estão passando essa noção assim, de conhecimento de mundo, pra eles, dos perigos que tem no mundo.</i></p>

Tabela 2 – Língua de sinais e identidade – Colaboradora 2

1- Língua de Sinais	2-Identidade
<p><i>Acredito que sim, que ele ampliou mais o vocabulário na língua de sinais, eles faz melhor relatos, a gente faz atividades práticas, por exemplo, de relatar o final de semana, relatar um passeio, relatar uma atividade desenvolvida, e me parece que ele tem feito isso melhor; pensamento mais organizado, para coisas práticas</i></p> <p><i>Entendo que ele é um menino que usa aparelho auditivo, e tem uma surdez severa profunda, mas ele usa língua de sinais, a família fala com ele, usa língua de sinais, a mãe usa língua de sinais, o pai não né,</i></p> <p><i>sinaliza e fala, sinaliza e fala,</i></p> <p><i>ele já está fazendo e essa percepção de que as pessoas só compreendem por meio da língua de sinais, ela vai acontecer, mas de forma paulatina, gradativa, não adianta eu dizer, nem posso também ficar dizendo isso o tempo todo, ele tem que também se dar conta que ele convive numa comunidade surda, de que as pessoas usam língua de sinais, e que ele não ouve, o J. não ouve, então a fala dele, vai ser uma fala inteligível, então, mas assim ele participa das atividades, ele gosta muito de participar das atividades envolvidas na disciplina de LIBRAS, com os professores Luiz Fernando e Aline.</i></p>	<p><i>ele era extremamente disperso, ele começava a atividade e daqui a pouco olhava pro lado, ficava disperso, quando ele olhava para o lado, quando ele voltava a atenção, ele já não sabia mais onde ele tinha começado, onde ele tinha parado, enfim se perdia e acabava sempre errando, e enfim e isso repetidamente.</i></p> <p><i>eu pedi pra ela que ela fizesse uma avaliação neurológica nele, e aí ela levou ele numa neurologista em Cruz Alta, aí ele fez uma avaliação e ela receitou uma medicação experimental, né, pra melhorar um pouco da atenção dele, então ele tomou um comprimidinho dessa medicação</i></p> <p><i>foi visível a melhora dele, com uso da medicação, não sei só a medicação, mas, enfim, hoje raramente ele falta, raramente ele falta aula, isso é bem importante, claro que ele faz uso da medicação, mas assim ele tem sequência, ele vem, ele responde, ele melhorou a atenção, na resolução em termos da atividade ele tem uma grande dificuldade e um grande desinteresse na escrita do português, leitura e escrita no português, mas nas atividades que exigem atenção, nas artes, educação física, nas atividades com uso da informática também, da matemática também, ele melhorou bastante, bastante mesmo.</i></p> <p><i>ano passado ele brigava no intervalo, ele se desentendia com os colegas, com os amigos, hoje não, ele é mais tranquilo, me parece que ele tem um pensamento mais organizado, assim, e tem se identificado um pouco mais com os colegas surdos</i></p>

Fonte: Autora.

APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DE QUESTIONÁRIO

Questionário aplicado à mãe (colabora 1)

1 – Como você despertou o interesse por adotar J.?

Quando cheguei na casa, ele chegou na casa em agosto, e eu comecei a trabalhar na casa em janeiro e o primeiro impacto que eu tive com ele, assim, não foi aquela coisa, eu olhei o filho que eu quero, não, eu nunca tinha tido contato com uma criança surda, e ele era muito feio, ele era muito feinho sabe, eu tive até uma questão de repulsa sabe, eu não sabia lidar com aquela situação, porque ele era muito estranho quando eu cheguei lá na casa. E aí essa questão da adoção, foi uma questão que foi sendo construída, vários pontos foram me incomodando em relação a ele na casa, o tratamento que ele tinha na casa, tinha um outro menino, e o outro menino era muito bonito, então todo mundo chegava e ele era muito carinhoso (J.), sempre foi né, as pessoas chegavam e queriam ver o outro menino, e aí o J. vinha correndo, as pessoas só davam um abraço e tal e o fulaninho? Aquilo foi me incomodando, começou a me incomodar. E nós tínhamos o costume de levar as crianças pra casa, porque os que não tinham família, nunca saíam da casa, e ele era um dos que sempre saía da casa com a diretora. E ele foi várias vezes lá pra casa, antes da gente pensar na adoção, só que eu e meu marido, a gente [...], eu tinha feito laqueadura quando eu ganhei a C., só que eu nunca pensei que ia viivar, aí eu viuvei e conheci o meu atual marido, e nós estávamos pensando em adotar uma criança, em ter um filho, só que a inseminação ia ser muito cara, nós não tínhamos dinheiro, eu estava beirando os quarenta, e como é que nós íamos fazer isso? Aí a gente foi amadurecendo essa ideia, e o J. veio amadurecendo junto com a gente, e o ponto que a gente chegou, assim, não, vamos adotar então, agente viu que nossos recursos financeiros não nos permitiriam outra coisa, vamos adotar então. E na época tinha uma adolescente que ganhou um nenê na casa, e ela fugiu e essa criança ficou na casa, e aí o G. (marido), queria muito um nenê, e eu não queria um nenê, porque eu já tinha tido meus três, e eu já tinha criado meus três, já tinha a experiência de nenê e eu não queria mais né, e ele veio sendo construído, e várias coisas foram me incomodando sabe, que acontecia com ele, um dos primeiros pontos foi, quando ele estava na escola, a professora do pré sugeriu a ele ir pro Coser, porque ele não tinha nenhuma deficiência, a não ser a auditiva, que ele tinha potencial e que não ia se desenvolver em uma escola regular, aí a gente conversou com a diretora da casa e “Não, capaz, é louca, como vou fazer, vou ter que disponibilizar uma só monitora pra levar ele pra Santa Maria”, aquilo me incomodou muito, porque eu fiquei pensando meu Deus essa criança vai ficar ignorante pro resto da vida nessa casa, vai fazer 18 anos, porque não tinha parente nenhum que queria ele, esse foi o primeiro ponto, e isso foi aumentando. Ele sempre teve uma afinidade maior com meu marido, o G. sempre foi de frequentar a casa, daí a gente foi amadurecendo a ideia de uma adoção, e

foi crescendo esse carinho e esse amor, entre eu e ele, porque entre ele e o G. sempre teve, embora o G. fosse um homem solteiro que não tivesse filho nenhum, ele embarcou no tratamento com 3, apronta né, e ainda se disponibilizou a adotar uma criança com necessidades. E aí o dia que ele quebrou o braço, já estava naquilo, vamos adotar o nenê, eu não quero adotar o nenê, aí eu pensei em adotar o J., aí falei pra ele, quem sabe a gente não adota o J., ele não tem família, esse guri vai ficar aí na casa, ele nunca vai aprender nada né, aí ele quebrou braço na casa, ele quebrou 13h, e eu cheguei às 19h da noite, ele não tinha sido trazido ainda pra SM, aí eu e meu marido trazemos ele, na Protege, e aí, nesse dia, nós decidimos que nós iríamos adotar ele, porque ele precisava de uma família, mais do que qualquer criança na casa, foi nesse dia que nós decidimos adotar ele, aí abrimos o processo, né, de adoção, que não foi nada dificultoso, porque ele já tinha 7 anos, ele já ia fazer 7 anos, ele tinha seis, ele tinha saído da lista de preferência de adoção, e ele era uma criança deficiente, ele não tinha perfil, e daí nós só entramos com processo de adoção, aí eu comecei a levar ele nos finais de semana pra casa, pra ele ir se acostumando com a família, aí teve um dia que eu cheguei na casa, e um dos adolescentes me contou que tinha uma monitora que batia nas crianças, e que ela tinha batido nele, aí eu levei definitivo pra casa até sair, porque não tinha saído ainda o meu processo de guarda, e chegou até as mãos do promotor o processo, daí a minha advogada disse pra eu botar fotos de convivência dele com a família, pro processo ia ser interessante, o promotor mandou um ofício pra eu voltar com ele urgente pra casa, aquilo doeu tanto na gente, tanto, e nele também, sabe, da gente deixar ele lá de novo, daí levou, antes de dezembro, em novembro, e eu levei ele pra casa em outubro, foi novembro eu tive que levar ele pra casa, e deixar ele lá, aí eu consegui uma liminar pra ele passar o Natal e o Ano Novo com a gente, mas primeiro de janeiro tive que voltar com ele pra casa, aí eu botei pressão, porque dia 6 iam começar as aulas no Coser, e eu tinha que estar com ele pra mim fazer a matrícula, porque se não ia perder, daí dia 6, 8 de janeiro, ele foi definitivo lá pra casa, daí saiu a guarda provisória dele, vai fazer 7 anos e a definitiva não saiu ainda. E aí essa questão da adoção foi assim né, uma história que foi construída, não foi assim aquele conto de fadas, que contam quando chegam no abrigo, não foi assim, conosco não foi assim, pode acontecer, aí a gente construiu essa história de adoção.

2 – Quando você percebeu a surdez do seu filho?

Quando eu fui trabalhar na casa, quando eu cheguei lá, daí me falaram que ele era surdo né, e já tinham encaminhado ele pra fono aqui no SAF, aí, em seguida, que eu cheguei na casa, em 2009, 2010, ele recebeu aparelho.*

3 – Como você lidou com a surdez de j.?

Pra mim foi um impacto, no primeiro ano, quando eu cheguei na casa, eu não sabia nem como lidar com ele, porque eu nunca tinha tido contato com uma criança com uma deficiência (auditiva), nós tínhamos criança com deficiência, nós tínhamos um menino com paralisia, várias crianças com paralisia, e, pra mim, foi bem mais fácil tratar uma criança assim, do que eu, o que eu vou fazer, como é que eu vou me comunicar com um surdo, e quando ele foi morar conosco lá em casa né, no primeiro ano até o segundo ano, eu pensei várias vezes em desistir da adoção, porque eu achava que eu não ia conseguir, porque foi muito difícil, o primeiro ano foi muito difícil, porque nem ele se via como surdo, e nem nós sabíamos como nós íamos fazer, porque o primeiro ano, eu botei ele no “Maria Rainha”, que é uma escola de freira, aonde a K. e o A. estudaram desde o prézinho, e eu sempre gostei da escola, e eu achava que a escola ia suprir as necessidades dele, e ele acompanhou só o primeiro semestre, porque o segundo semestre não teve como, ele não aprendeu nada por causa da língua né, porque era uma escola regular, e aí eu não quis botar ele no Coser, no primeiro ano que ele estava conosco, porque a K. estava fazendo a transição da tarde para a manhã e eu não sabia se ela ia acompanhar, sempre foi muito apegada comigo e eu precisava estar com ela neste momento de transição, mas no segundo ano não teve como, aí nós viemos para Santa Maria, aí eu comecei a trazer ele para Santa Maria, nós viajávamos todos os dias para vir pra cá, até ano passado, esse ano ele já veio de van. O segundo ano até o primeiro semestre foi mais difícil, porque quando nós chegamos no Coser, ele não aceitava, e no primeiro ano nós começamos as aulas de LIBRAS no Coser, nós vínhamos de Júlio, toda a quarta-feira para ter aula de LIBRAS de noite, mas pensa que ele fazia, pensa que ele olhava para aprender, nada, ele só fazia se o meu marido fazia, e como o G. (marido) era disléxico, ele fazia tudo errado, aí eu desisti, disse não, vou deixar para o ano que vem, se não ele vai aprender o sinal tudo errado, ah, mas ele não se aceitava como surdo, ele não se via como surdo.

4 – De que forma você manifestou esta descoberta a ele?

Tu conviveu com ele, e percebe que umas palavras ele fala, que tem mais vogais e menos consoantes, e eu acho que, por isso, porque ele emitia som, ele batia boca contigo assim, aí então de certo ele achava que ele não era, que todo mundo entendia o que ele falava, e foi muito difícil, e no segundo semestre, no segundo ano que ele tava no Coser, eu pedi socorro pra Geovana, que a Geovana que tava de coordenadora: Geovana eu não sei mais o que fazer em casa, esse guri tem me deixado louca, ele vem todo o dia pro castigo aqui no colégio, em casa a gente bota de castigo, não sei mais o que eu vou fazer, aí o Jeferson tava prestando atenção na conversa, aí ele perguntou pra Geovana o que é que estava acontecendo, aí a Geovana interpretou pra ele, aí ele perguntou se nós batíamos, e eu disse que, às vezes, nós batíamos, que eu não sabia mais o que fazer, que o pai mais que eu, que tinha menos paciência que eu, aí ele disse que não era pra bater, porque ele fazia a arte e esperava pra apanhar, então que não era pra nós bater, que era pra nós tirar tudo dele, que ele gostava, tudo que a gente pudesse [tirar] que ele gostava, e que nós aprendesse o máximo de LIBRAS, que nós aprendesse pra falar com ele, pra

explicar as coisas pra ele, e aí foi o que eu fiz, e olha, e haja paciência, quantas vezes eu escutei feito um sapo pra não baixar o cacete nele, porque tu botava de castigo, ele parecia um louco, ele gritava, berrava, parecia que tavam matando ele, acho que, no terceiro ano que ele tava com a gente, que a coisa engrenou, no terceiro ano, segundo semestre ainda (risadas).

5 – Houve alguma tentativa de oralização?

Não. Até, assim, eu tentava fazer teste assim com ele, de tentar tirar o aparelho e falar, ou botar o aparelho e tentava falar com ele, tentava fazer ele falar palavras, botava a mão dele aqui na minha garganta, e nada, aí eu vi que só através da LIBRAS.

6 – De que forma você se comunicava com ele antes dele e de você aprender LIBRAS? Como ele interagia com adultos e crianças?

Ele sempre interagiu bem, sempre, e criança, ele nunca foi uma criança má, apesar de ter passado por tudo aquilo que ele passou, agressão física, abandono, ele sempre foi de cuidar dos menores, a minha neta adora ele de paixão, e ele adora ela, e ela chora, e ele pega ela no colo e diz: oh mamãe, oh mamãe, coisa mais querida, e assim ele sempre teve uma boa relação até hoje, com ouvintes, ele interage ele brinca com criança ouvinte.

7- Porque você optou por colocar seu filho J na Escola Coser?

Porque é a única maneira dele ter conhecimento de mundo é através da linguagem de sinal, e no primeiro ano que eu tive lá, eu até discuti com a diretora, que era a Rosane na época, porque eu acreditava que o surdo sim, poderia estar incluído numa escola regular, que a inclusão tinha que ser feita, bati boca com ela, discuti, e ela dizia que não né, e eu só aprendi isso na pele né, porque uma escola regular, pra ter uma inclusão de verdade, ela precisa estar comprometida, todo o quadro escolar, pais, professores funcionários e alunos. E comunidade na volta para aceitar uma criança especial, seja ela qual especialidade que for, que não tem como, eu vi isso lá na prática, ele gritava muito, os pais chamavam ele de louco, esse guri é louco, sabe, passa gritando, porque era a única expressão que ele tinha né e largar ele numa escola regular, sem uma professora saber pelo menos LIBRAS pra poder passar pra ele, é impossível, e só no Coser ele vai se achar, vai ter o conhecimento que ele precisa para crescer, pra viver em sociedade, no futuro, sozinho, ter uma visão de mundo, ter conhecimento, e é só através de linguagem [língua] de sinal, se não for assim é impossível.

8- Como se comunicam atualmente no ambiente familiar?

Através da LIBRAS. Através da linguagem de sinal. Apesar do pai dele não saber, eu e a K. que falamos com ele. Ele vai pra oficina com o pai dele, de tarde, e o G., passa tudo errado o sinal, ele sabe quase nada né (risos), mas ele entende, ele trabalha parelho com o pai dele. A comunicação basicamente é através da LIBRAS.

9 – Atualmente, você pensa que poderia ter feito algo de diferente, que poderia ter ajudado ele de outra forma?

Olha, eu acho que tudo que tava ao meu alcance eu fiz né, inclusive, agora, a médica do SAF, a fono, estou na fila de espera, para POA, para um possível implante, mas eu não vou querer fazer um implante coclear, porque ele já dificulta com o aparelho, ele que decide quando ele vai usar o aparelho, se ele acha necessário ele usa o aparelho, se ele não achar necessário, não vai usar, aí aquela coisa lá dentro da cabeça, que não vai nem ter opção de tirar né, daí a gente vai para avaliação, mas o aval final é da família. Mas todos os recursos de fono, de otorrino, nunca foi preciso, a questão de linguagem procurei o Coser, a fono na SAF, e a faixa de médico, o que eu faço pros outros, eu faço pra ele.*

10 – Como ocorreu à aquisição da Língua de sinais para J.?

Através do Coser.

11– Você compreende que J. está construindo sua identidade surda e representa a si mesmo a partir das suas experiências?

Sim. Ele, hoje em dia, ele se identifica completamente né, ele não chegava em casa e contava as coisas, ultimamente ele tem feito isso cada vez mais, relatado fatos que acontecem na escola. Ele chega em casa e conta o que fizeram, o que aconteceu, de eventos, sabe, ele está completamente inserido no mundo, no universo surdo.

12 – O que você entende por uma proposta de Educação Bilíngue?

Que é a possibilidade de tu ter aquisição de duas línguas, o Português e a LIBRAS, pro teu crescimento né.

13 - Qual é a sua expectativa para a construção de conhecimento de mundo e educacional de J. através do convívio cultural com outros surdos, na Escola Coser?

Eu penso assim, que ele teve sempre muita dificuldade de aprendizagem, eu noto que isso tem diminuído bastante, porque nós procuramos uma neuro, e não deu nada, só falta de atenção mesmo, daí ele toma um medicamento que ajudou ele, nessa aquisição de aprendizagem, e isso ajudou ele bastante esse ano, ele começou a tomar em novembro, outubro do ano passado, e ele ainda continua tomando, até falei com a Cleide, e a Cleide disse que este ano tá maravilhoso. E a questão de construção de aprendizagem, o Coser vai possibilitar, porque é o universo surdo, lá dentro, eles interagem com os outros surdos, com os monitores, com os professores, que estão passando essa noção, assim, de conhecimento de mundo, pra eles, dos perigos que têm no mundo.

Questionário aplicado à professora (colaboradora 2)

1 – Como era o emocional do aluno J. quando começou a estudar na Escola Estadual de Educação Especial Dr Reinaldo Fernando Coser?

Ele começou comigo no ano de 2016, ele veio do 4º ano, ele estudava no 4º ano da professora Diva, e a professora Diva relatou que havia necessidade, que ele fosse retido mais um ano, mas ela acabou avançando J. para o 5º ano, em função de acomodar os horários da mãe e de transporte, porque eles moram em outra cidade, então quando ele veio pra mim eu já sabia ,então, que ele já vinha com muita dificuldade.

2 – Inicialmente, como se deu a interação de J. com colegas e professores? E quanto à compreensão do Conteúdo escolar?

Então o J., no ano letivo de 2016, ele convivia com mais dois colegas, se relacionava bem com eles, mas, assim, ele era extremamente disperso, ele começava a atividade e daqui a pouco olhava pro lado, ficava disperso, quando ele olhava para o lado, quando ele voltava a atenção, ele já não sabia mais onde ele tinha começado, onde ele tinha parado, enfim se perdia e acabava sempre errando, e, enfim, e isso repetidamente. Um aspecto que entrevistei também o desenvolvimento dele em 2016 foi as inúmeras faltas, ele vinha dois dias, faltava um, vinha mais três, faltava dois... ele não tinha sequenciação dos conteúdos, então ele vinha e se perdia todo por causa da falta de sequência. E, assim, pensamento muito tumultuado, desorganizado, parecia desmotivado, enfim, aí no [...] final do segundo trimestre, no início do terceiro trimestre, último trimestre, eu chamei a mãe, e conversamos longamente, ela relatou... eu pedi pra ela que ela fizesse uma avaliação neurológica nele, e aí ela levou ele numa neurologista em Cruz Alta, aí ele fez uma avaliação e ela receitou uma medicação experimental, né, pra melhorar um pouco da atenção dele, então ele tomou um comprimidinho dessa medicação, não me lembro o nome, assim, agora, mas, enfim, e aí nós ficamos observando, e aí, eu disse, então eu vou observar, então, o desenvolvimento dele, a aprendizagem dele usando a medicação e já tinha dito de antemão pra mãe que, provavelmente, eu reteria ele no 5º ano, pra que ele, com mais sequência, menos faltas, ele pudesse acompanhar melhor o 5º ano, e foi o que aconteceu, ele foi retido, e esse ano ele está na sala com mais dois coleguinhas e, assim, foi visível a melhora dele, com uso da medicação, não sei [se] só a medicação, mas, enfim, hoje raramente ele falta, raramente ele falta aula, isso é bem importante, claro que ele faz uso da medicação, mas assim ele tem sequência, ele vem, ele responde, ele melhorou a atenção, na resolução, em termos da atividade, ele tem uma grande dificuldade e um grande desinteresse na escrita do português, leitura e escrita no português, mas nas atividades que exijam atenção, nas artes, educação física, nas atividades com uso da informática também, da matemática também, ele melhorou bastante, bastante mesmo.

3 – Atualmente, você percebe alguma diferença na área emocional e autoestima de J.?

Acredito que sim, o J. é uma criança que está menos inquieta, né, ano passado ele brigava no intervalo, ele se desentendia com os colegas, com os amigos, hoje não, ele é mais tranquilo, me parece que ele tem um pensamento mais organizado, assim, e tem se identificado um pouco mais com os colegas surdos, então esse é um aspecto bem positivo, em termos de possibilidades da aprendizagem dele

4 – Depois da aquisição da LIBRAS há uma significação maior da aprendizagem?

Acredito que sim, que ele ampliou mais o vocabulário na língua de sinais, ele faz melhor relatos, a gente faz atividades práticas, por exemplo de relatar o final de semana, relatar um passeio, relatar uma atividade desenvolvida, e me parece que ele tem feito isso melhor. Quando a criança consegue expor assim esse pensamento com começo, meio e fim, a gente entende, como professor, que ele está com o pensamento mais organizado, e quando ele tem o pensamento mais organizado para coisas práticas, isso fica mais evidenciado nos conteúdos escolares.

5 – Relate experiências que você percebe em J. acerca da manifestação da cultura surda.

Entendo que ele é um menino que usa aparelho auditivo, e tem uma surdez severa profunda, mas ele usa língua de sinais, a família fala com ele, usa língua de sinais, a mãe usa língua de sinais, o pai não né, mas me parece que aqui na escola ele sinaliza e fala, sinaliza e fala, e eu já disse pra ele assim, que eu entendo ele, por meio da língua de sinais, e pela fala eu não consigo entender. Mas acredito que isso é uma, essa identificação como surdo, ele já está fazendo, e essa percepção de que as pessoas só compreendem por meio da língua de sinais, ela vai acontecer, mas de forma paulatina, gradativa, não adianta eu dizer, nem posso também ficar dizendo isso o tempo todo, ele tem que também se dar conta que ele convive numa comunidade surda, de que as pessoas usam língua de sinais, e que ele não ouve, o J. não ouve, então a fala dele, vai ser uma fala inteligível, então, mas assim, ele participa das atividades, ele gosta muito de participar das atividades envolvidas na disciplina de LIBRAS, com os professores Luiz Fernando e Aline, ele faz as atividades, se destaca bem nesse sentido, então ele tem sim um bom convívio na comunidade surda.

APÊNDICE D – IMAGENS DE J.

Figura 1 – J. na casa de passagem



Fonte: Autora.

Figura 2 – J. com a família adotiva



Fonte: Autora.

Figura 3 – J. em interação com os colegas na escola



Fonte: Autora.

Figura 4 – J. com a pesquisadora na Escola



Fonte: Autora.

APÊNDICE E – TERMOS DE AUTORIZAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CURSO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

AUTORIZAÇÃO

Eu Cleide Lovatto Pires autorizo a desenvolver uma pesquisa em nível de Trabalho de Conclusão de Curso- TCC acerca da vida de um aluno Jaime Melo Tem

Santa Maria, 25 de setembro de 2017

Sujeito da pesquisa: Jaime Melo Tem

Responsável pelo sujeito da pesquisa: _____

Pesquisadora: Joselaine Alcantara

Profª Drª. Melânia de Melo Casarin
Acadêmica Joselaine Alcantara
Responsáveis pela investigação

Cleide Lovatto Pires
CLEIDE LOVATTO PIRES

ANEXO A – Autorização para Uso de Fotos e Vídeos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

CURSO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE FOTOS E VÍDEOS

Eu, Cleidi Lovatto Pires, autorizo a pesquisadora do Curso de Educação Especial, pelo presente instrumento, à reprodução e exibição de fotos e vídeos elaborados durante o estudo para as finalidades da pesquisa em Trabalho de Conclusão de Curso -TCC

Santa Maria 25 de setembro de 2018

Sujeito da pesquisa: Jaime Melo Zen

Responsável pelo sujeito da pesquisa _____ de

Pesquisadora: Joselaine Alcantara

Profª Drª. Melânia de Melo Casarin
Acadêmica Joselaine Alcantara
Responsáveis pela investigação

Cleidi Lovatto Pires
CLEIDI LOVATTO PIRES

ANEXO A – Autorização para Uso de Fotos e Vídeos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

CURSO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE FOTOS E VÍDEOS

Eu, Corromem Louisa Pontalino autorizo a pesquisadora do Curso de Educação Especial, pelo presente instrumento, à reprodução e exibição de fotos e vídeos elaborados durante o estudo para as finalidades da pesquisa em Trabalho de Conclusão de Curso -TCC

Santa Maria, 29 de Setembro de 2017.

Sujeito da pesquisa: Geirone Nello Zeri

Responsável pelo sujeito da pesquisa _____

Pesquisadora: Joselaine Alcantara

Profª Drª. Melânia de Melo Casarin
Acadêmica Joselaine Alcantara
Responsáveis pela investigação

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

CURSO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

AUTORIZAÇÃO

Eu, João Manoel da Silva Siqueira Mello autorizo a desenvolver uma pesquisa em nível de Trabalho de Conclusão de Curso - TCC acerca da vida de um filho Ygorne Nello Len

Santa Maria 23 de setembro de 2018

Suposto de pesquisa Ygorne Nello Len

Responsável pelo suposto de pesquisa _____

Assinatura João Manoel da Silva Siqueira Mello

Prof. Dr. Márcia de Melo Casarin
Acadêmica Joselaine Alcântara
Responsáveis pela investigação